

# "É tudo em função da economia, estúpido"

*Com essa afirmação o ex-presidente democrata dos Estados Unidos, Bill Clinton, mostrava a importância da economia nos assuntos mundiais.*

Enquanto os ambientalistas fomentam a necessidade de acabar com os combustíveis fósseis em nossa sociedade, por conta das mudanças climáticas, e agem para parar projetos que os usam, os combustíveis fósseis continuam seu crescimento no atendimento da demanda de energia do mundo.

Por outro lado, na maior oferta pública da bolsa de valores da Índia (IPO), a Coal India, maior produtora de carvão do mundo, com cerca de 480 milhões de toneladas ano – 40 vezes a produção do Brasil, ofereceu 10% de suas ações a investidores indianos e internacionais.

A oferta era de 35 bilhões de dólares e foi sobreesubscrita em 15 vezes. Os investidores foram 484 fundos estrangeiros, 195 fundos mútuos, 44 companhias de seguro e vários bancos.

No mesmo dia do IPO da Coal India, a empresa italiana ENEL Green Power lançou seu processo de capitalização, mas o resultado foi um fracasso. O medo da viabilidade econômica das renováveis e a recessão, com o corte de subsídios, assustaram os investidores na decisão de compra das ações verdes.

Na mesma semana, o único filho dos Rothschild investiu 3 bilhões de dólares na compra de uma empresa carbonífera da Indonésia.

Agora em Cancun o mundo discute novamente a possibilidade de uma redução dos gases de efeito estufa e nas negociações fica claro o caráter econômico financeiro do aquecimento global.

Os países em desenvolvimento buscando recursos para mitigar os gases de efeito estufa, proteger florestas, se adaptar aos eventos climáticos e os países ricos, alguns com problemas financeiros e em recessão, procurando manter saudáveis suas economias que dependem dos combustíveis fósseis para se mover.

Estes procuram obter um acordo que todos paguem a conta, mesmo que não tenham participado do jantar, como citou nosso presidente Lula.

A economia é a mola das discussões do clima e as ONGs ambientalistas já sabem que só haverá um acordo vinculante global quando o custo de mudar a matriz energética mundial for compatível e suportável por todos, ricos e pobres e a segurança energética seja garantida a todos os países.

As ONGs mudaram seu discurso, ao afirmar que os pobres sofrerão mais e que as energias verdes geram empregos, mas a armadilha está no pensar global e agir local, cobrando o compromisso dos países no “acordo” de Copenhague.

A prioridade de Copenhague foi a redução da miséria e isso passa pela economia.

Portanto, somente a universalização do acesso à energia com a consequente redução da miséria no planeta, onde não existirão mais nações pobres e miseráveis, permitirá que todos possam agir para reduzir os impactos das mudanças climáticas. E nesse contexto, países da Ásia (China, Índia, etc.) irão usar os seus recursos fósseis para alavancar suas economias e reduzir a miséria.

O mesmo faremos em nosso verde país, onde usaremos o pré-sal, o carvão e o gás, bem como a nuclear e as renováveis para retirar os 30 milhões brasileiros da pobreza.

*'Presidente da Associação Brasileira do Carvão Mineral.*